

Maria José de Souza Barrem (Bolsista) mabarrem@fcm.unicamp.br
Lucia Helena Reily (Orientadora) lureily@fcm.unicamp.br

Departamento CEPRE,

Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas - Campinas, SP, Brasil.

Palavras chaves: Música; Surdez; Inclusão

INTRODUÇÃO

A música é moldada pela cultura e pelas circunstâncias da vida, é considerada como uma manifestação da constituição humana, não sendo sentida apenas pelos ouvidos, e sim pelo corpo todo (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003). Entretanto, observa-se que para muitas pessoas a relação **surdez/música**, ainda é vista como contraditória, já que a música é uma linguagem sonora, para a qual os surdos não teriam acesso.

A interação e o envolvimento com a música pelos sujeitos surdos dependem das experiências musicais que eles podem vivenciar na escola, em casa, com seus pares. Diferentemente do que muitos acreditam, os surdos não são todos iguais, eles constituem-se um grupo sócio-cultural heterogêneo, que diferem em graus de surdez, e nas experiências familiares, escolares, sociais e culturais (TORRES, MAZZONI e MELLO, 2007).

De acordo com Bueno (2008), a reflexão sobre o fenômeno social da surdez, aliada às condições sociais e culturais das minorias, avança no sentido de construir acesso à cidadania. E um requisito para o acesso à cidadania é a garantia da aprendizagem; essa função cabe a escola.

O Brasil assumiu uma proposta de educação inclusiva, na qual os princípios de ensino-aprendizagem são equivalentes para todos os alunos matriculados na escola, tendo alguma necessidade especial ou não. Para Oliveira (2010) a educação inclusiva necessita de ações educativas com arte, que proporcionariam superar as pré-concepções discriminatórias e os discursos excludentes. Em relação ao ensino de artes, no ano de 2008 a modificação da lei nº 11.769 o ensino de música torna-se obrigatório nas escolas de educação básica (rede pública e privada).

OBJETIVO

Compreender como é desenvolvido o processo pedagógico do ensino de música para alunos surdos, em contexto de escola inclusiva.

MÉTODO

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, no qual buscou-se conhecer a realidade do contexto escolar, por meio de entrevistas semi-estruturadas na EMEF "Professor André Tosello", escola da rede municipal de Campinas/São Paulo. Os entrevistados foram:

- Fábio (nome fictício) - aluno surdo, (13 anos) matriculado no sexto ano;
- Suelly (nome fictício) - diretora;
- Valéria (nome fictício) - coordenadora pedagógica;
- Bianca (nome fictício) - professor de música da instituição;
- Daiane (nome fictício) - professora de Educação Especial, da sala multifuncional.

No caso dos ouvintes, as entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio, transcritas e devolvidas aos entrevistados para revisão. E no caso do surdo, a gravação foi realizada em vídeo, devido à necessidade de registrar os sinais de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensino de música no ambiente escolar

A EMEF "Professor André Tosello" tem um histórico favorável ao ensino musical, anterior à sanção da lei. Essa tradição de musicalização dentro do ambiente escolar ocorreu através de projetos propostos por iniciativa dos professores, que identificaram no ensino musical uma estratégia viável para aproximação da escola com a sociedade e o favorecimento do crescimento cultural e social dos alunos.



Legenda: EMEF "Professor André Tosello"

O Profissional de música: em questão a formação do professor de artes

O principal dilema discutido na pesquisa é a falta e a formação de profissionais capacitados para atender essa nova demanda. Fato que pode ser observado na fala da coordenadora pedagógica Valéria:

"O que vai acontecer, porque essa lei é recente, será a falta de profissionais para trabalhar com música dentro da escola, dentro das artes."

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem que as quatro modalidades artísticas (artes plásticas, cênicas, dança e música) devem ser contempladas, entretanto cabe à instituição de ensino definir quais linguagens artísticas, quando e como serão abordadas na prática escolar (Penna 2002 apud Penna 2001). E considerando a formação e atuação dos profissionais envolvidos nas atividades musicais realizadas dentro da EMEF, pode-se observar que ainda há um consenso, ou "mito", do profissional detentor do "dom" para música.

Para Ferreira (2002), a prática musical promove a ampliação do domínio musical e cultural, favorecendo a elaboração de atividades de musicalização. Assim, pode-se considerar que não há um "dom", ou uma predisposição inata e intrínseca do profissional para o ensino de música; são as suas vivências musicais que instigaram o desenvolvimento de suas habilidades enquanto educadores de música.

O surdo e música

Fábio apresenta perda auditiva moderada, possui bom resíduo auditivo, não faz uso da língua de sinais e por ser apresentar um fala inteligível, alguns profissionais e familiares "esquecem" da surdez diversas vezes. As primeiras vivências musicais de Fábio ocorreram na igreja, mas ele refere não apreciar esse ambiente, devido à acústica.

De acordo com Sá (2008) os surdos não estão alheios às expressões culturais características dos ouvintes, como a música ou a dança; eles sabem que elas existem e emitem opiniões sobre as mesmas. Fato que pode ser constatado quando Fábio foi questionado sobre seus gostos musicais, durante a entrevista ele revelou gostar da música "Ai, se eu te pego" do cantor Michel Teló.

CONCLUSÃO

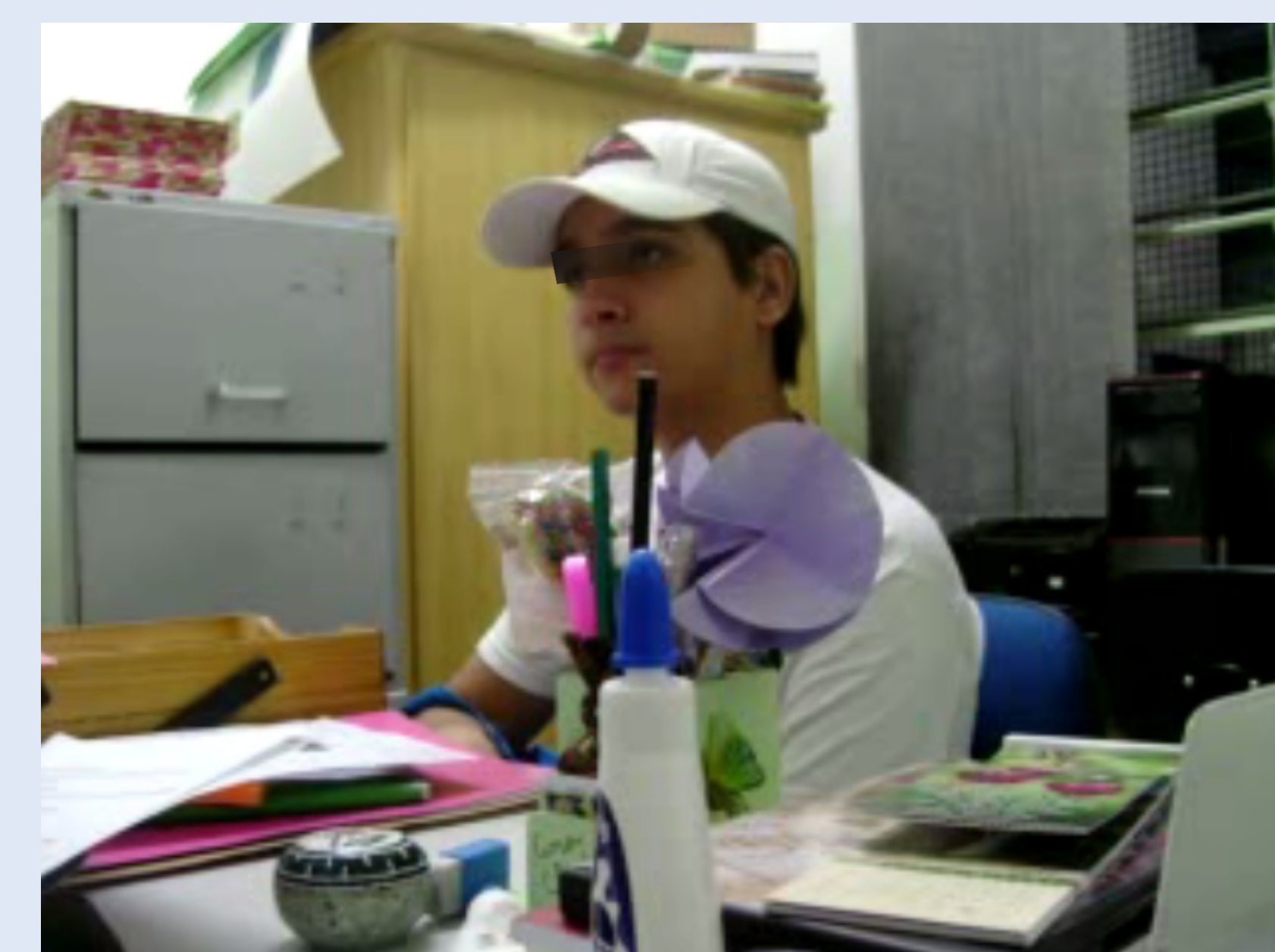
Pode-se concluir a partir das análises e discussões dos dados que o ensino de música dentro do contexto escolar, tanto para alunos surdos como para ouvintes, ainda encontra-se em fase de estruturação, devido à ausência de profissionais capacitados para atender essa nova demanda.

Observou-se que ainda existe a crença de que surdos não podem ter vivências musicais, uma vez que se compreende a música como uma manifestação sonora, exclusiva aos ouvintes. Entretanto, a literatura consultada e o depoimento do sujeito surdo mostram que muitas vezes as pessoas surdas têm preferências por estilos e grupos musicais, já que convivem em comunidades de jovens para quem a música é uma forma de manifestação cultural e identificação social.

Dessa forma, entende-se que a atuação com o aluno surdo, dentro desse contexto inclusivo, não será diferente. Desde que, compreenda-se que as dificuldades encontradas serão desafios a serem enfrentados e que não um impedimento para o trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUENO, José Geraldo Silveira. Surdez, linguagem e cultura. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 46, Set. 1998.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". Educação e Sociedade, São Paulo, no. 79, p. 257-272, agosto, 2002.
- HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. A musicalidade do surdo: representação e estigma. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- MOURÃO, M. P. ; SILVA, L. C. No silêncio dos sons: música e surdez, construindo caminhos. Revista FAEEBA, v. 16, p. 169-182, 2007.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. História, arte, educação: a importância da arte na educação inclusiva. In. BAPTISTA, C. (Org.) Educação Especial diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 255-266.
- PENNA, Maura. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. Revista da Abem, Porto Alegre, n. 7, p. 7-19, set. 2002.
- SÁ, Nidia Regina Limeira de. Os surdos, a música e a educação. Dialógica (Manaus), v. 2, p. 01-11, 2008.
- TORRES, E.F.; MAZZONI, A.A.; MELLO, A.G. de. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.2, p. 369-385, maio/ago. 2007.



Legenda: Aluno surdo

Desafios para a professora de música

O grande número de alunos dentro da sala de aula dificulta o processo de aprendizagem e inclusão, pois a professora deverá dividir sua atenção aos alunos ouvintes e atentar-se ao aluno surdo. Essa problemática foi apresentada pela professora de artes Bianca no trecho abaixo:

"A dificuldade maior era incluir ele nas atividades que não estivessem ligadas estritamente ao ritmo, porque assim, ele usa o aparelho, aí quando ele está com o aparelho está tudo bem, mas ele é meio 'preguiçoso'."

Ao definir o aluno como "preguiçoso", fica evidente a questão do estigma que os sujeitos surdos ainda carregam. Estudos na área da surdez discutem a forma que os alunos surdos são rotulados, "preguiçosos, nervosos ou desobedientes" entre outros. Estes alunos dentro do contexto de sala de aula adotam estratégias para "sobreviver" neste ambiente, como simular a rotina de aula (Góes e Tartuci, 2002).

Orientações à Escola

A partir da análise dos dados e discussões, foi proposta uma devolutiva à escola, na qual discutiu-se o a importância do processo de ensino de música como uma "atividade prazerosa e não uma atividade repetitiva e mecânica", exploração de sensações como as vibrações, valendo-se da corporal e sonora desses alunos, trabalho com letras, expressão corporal, a interpretação em língua de sinais e as possibilidades de vivências musicais para os surdos (MOURÃO & SILVA, 1992).